Dia 19 — São Canuto, Rei da Dinamarca, e Mártir

São Canuto IV, filho de Svend Estridsen, rei da Dinamarca, e neto do outro Canuto que subjugou a Inglaterra, foi um grande rei e foi um grande santo. Nasceu por volta da metade do século XI. O rei, seu pai, teve grande cuidado de confiar sua educação a sábios mestres e a prudentes governadores, que se aproveitaram vantajosamente das nobres prendas de que o dotara a natureza e das ricas disposições para a virtude que havia recebido da graça, e que se deixaram reconhecer quase desde o berço.

Correspondeu perfeitamente o menino Canuto aos desvelos de sua educação. Dentro de pouco tempo achou-se aperfeiçoado nos exercícios de espírito e de corpo que correspondiam ao seu real nascimento. Poder-se-ia dizer que para Canuto não houve puerícia nem infância. Todos os seus entretenimentos eram sérios, e as diversões ordinárias daquela idade não fizeram a mínima impressão em seu coração, que desde logo mostrou ter nascido para coisas grandes. Mas o que é mais singular: já desde aquela tenra idade se distinguia mais pela piedade e pelo zelo da religião que pelas outras excelentes qualidades que o adornavam.

Seu valor deixou-se admirar desde a primeira ocasião em que se pôde conhecer. Mal tinha forças para montar a cavalo, e já se o tinha por capaz de comandar um exército. Descobriu logo os grandes talentos que havia recebido do céu para fazer-se lugar no número dos conquistadores. Ganhou tantas vitórias quantas batalhas deu; e fazia as conquistas em menos tempo do que era preciso para fazer as provisões. Purgou o mar dos piratas que infestavam as costas; venceu os estônios, que cometiam excessos e latrocínios, e dominou a província de Semblândia, que depois dessa conquista ficou agregada ao reino da Dinamarca.

Achava-se Canuto no maior auge de estima e de poder quando morreu o rei, seu pai. Era então eletiva a coroa da Dinamarca, e ninguém duvidava de que devia ser preferido a Haroldo, seu irmão mais velho. Seus méritos autorizavam a voz do povo; mas os grandes temeram seu valor e sua vida irrepreensível, parecendo-lhes que gozariam de maior liberdade e de maior repouso elegendo um rei frouxo e estúpido. Nomearam Haroldo, e Canuto recebeu esse desaire como herói verdadeiramente cristão. Esteve tão longe de vingar-se, nem de dar ouvidos às tropas que o persuadiam ao desagravo, que, antes, só se valeu delas, de sua autoridade e de suas forças contra os inimigos da pátria; e o rei, seu irmão, não teve vassalo mais obediente nem mais rendido. Mas o céu tomou a seu cargo premiar logo sua virtude. Morreu Haroldo aos dois anos de seu reinado, e Canuto ascendeu ao trono com aplauso geral da nação.

Foi seu primeiro cuidado, depois de sua coroação, purgar o reino das desordens e dos vícios que se haviam introduzido nele, presumindo de costume em favor da posse de longos anos; e aplicou-se a

procurar o maior lustre da religião, tanto por suas leis como por seus exemplos. Crê-se que por esse tempo lhe escreveu o papa Gregório VII aquelas duas belas cartas em que o exorta a imitar as virtudes de seu pai, a levar adiante o zelo que o animava pela religião e pela Igreja e a desterrar de seu reino o bárbaro costume de atribuir unicamente aos pecados dos clérigos as calamidades públicas, ocasionadas tanto pelas enfermidades como pela intempérie ou pela desordem das estações.

Tendo sabido que se haviam rebelado as nações incultas e ferozes que habitavam na fronteira do reino pela parte do Norte, marchou logo a dominá-las; buscou-as em suas próprias cavernas e deixou-as reunidas para sempre à coroa da Dinamarca. Terminou-se essa guerra vantajosamente para o Estado e gloriosamente para a Igreja. Nenhuma conquista acrescentava à sua coroa que não a aumentasse também à religião. Tendo sujeitado inteiramente as províncias da Curlândia, da Samogícia e da Estônia, fez ver que era piedade o que parecia ambição, e que as havia rendido menos por dominar ele nelas que por sujeitá-las ao império de Jesus Cristo; enviando logo zelosos missionários que trabalharam com feliz sucesso na conversão daqueles gentios.

Ao voltar dessa gloriosa expedição casou-se com a princesa Adela, filha de Roberto, conde de Flandres, de quem teve Carlos, o Bom, digno herdeiro de suas virtudes, pois mereceu ser também contado no catálogo dos santos.

Não tendo já inimigos a dominar, dedicou toda a sua aplicação a fazer felizes os vassalos. A reforma dos costumes, a correção dos abusos, a integridade da justiça, o restabelecimento da disciplina eclesiástica, enormemente relaxada pela licença dos grandes; numa palavra, a felicidade pública foi o único objeto de todas as suas prudentíssimas e santíssimas leis. Persuadido de que o bem do Estado depende em grande parte da prudência dos governadores e da integridade dos magistrados, fez empenho de não colocar nesses empregos senão sujeitos de conhecido mérito. Em seu palácio estava fechada a porta a toda intercessão que não fosse a do mérito e da virtude; e, porque a maior parte daqueles povos rústicos e grosseiros estavam pouco acostumados a prestar aos bispos o respeito e a veneração que se lhes devia, ordenou por uma declaração expressa que daí em diante precederiam os duques e ocupariam no Estado o lugar que corresponde aos príncipes. Eximiu o clero da jurisdição secular e permitiu aos juízes eclesiásticos que castigassem com multas os que delinquissem em matéria de religião, adjudicando-lhes o conhecimento desse gênero de causas.

Reedificou muitas igrejas arruinadas e as enriqueceu com sua liberalidade. Fundou novos hospitais, esgotando muitas vezes seu tesouro para aliviar os pobres. O grande número de mosteiros que edificou comprova sua estima e sua veneração ao estado religioso. Em todas as partes de seu reino viam-se monumentos de sua piedade. Um dia despojou-se de todas as insígnias da dignidade real e, lançando-as aos pés de Cristo crucificado, declarou altamente ser sua vontade que a religião reinasse com o maior lustre em todo o reino da Dinamarca.

Sua coroa real, que era de grande preço, presenteou-a à igreja de Roskilde, dizendo que o mais precioso do mundo se devia empregar no adorno dos lugares consagrados à majestade de Deus e não em fomentar a avareza e a vaidade dos príncipes.

Mas, ao mesmo tempo que seu ardente zelo em dilatar e fazer florescer a religião por todo o seu reino lhe podia merecer o renome de apóstolo da Dinamarca, sua extraordinária piedade, suas penitências e sua vida exemplaríssima faziam-no respeitar como modelo de perfeição em toda a Igreja.

Não se pode admirar nem ponderar bastantemente o amor que professava a Jesus Cristo no sacramento augusto da Eucaristia. Passava horas inteiras diante do altar banhado em lágrimas. Sua devoção à santíssima Virgem era muito terna; e quis que todas as suas festividades se celebrassem em todo o seu reino com a maior solenidade.

Ocupava em oração todo o tempo que lhe deixavam livre os negócios do Estado. Jejuava muitos dias na semana com o maior rigor; usava frequentemente de um áspero cilício; e, enfim, quase não havia mortificação ou penitência que não praticasse. Numa palavra, a Igreja assegura nas lições de seu ofício que nada omitia o piedosíssimo monarca de tudo aquilo que em pouco tempo pudesse conduzi-lo à mais elevada santidade.

Mas o que tinha mais impresso em seu zelosíssimo coração era o empenho de que reinasse a religião no de todos os seus vassalos. Com esse santo fim quis obrigá-los a que pagassem os dízimos à Igreja: para consegui-lo havia feito várias tentativas, todas inúteis. Julgou que se lhe oferecia uma ocasião muito oportuna, mas não o foi senão para alcançar ele a coroa do martírio.

Quis empenhar-se numa guerra que lhe parecia justa, julgando que não devia negar à Inglaterra o socorro de suas armas que lhe pedia. Com esse intento juntou um corpo de tropas e mandou equipar uma boa esquadra; mas seu irmão Olavo, que afetava em público aprovar sua resolução, em segredo o vendia, dando apoio a que a gente desertasse e a que o exército se desfizesse. O santo rei, que nunca perdia de vista a maior glória de Deus e o serviço da Igreja, julgou que essa era bela ocasião para estabelecer o direito dos dízimos. Convocou as cortes e propôs aos estados que ou pagassem à Igreja esse piedoso tributo, ou lhe contribuíssem a ele uma excessiva quantia, com que os multou em castigo de seu delito e da deserção das tropas. Os dinamarqueses, persuadidos e açulados pelos inimigos da Igreja e do santo rei, escolheram antes pagar a multa, ainda que tão excessiva, que sujeitar-se aos dízimos, ainda que tão moderados; mas esse consentimento foi princípio de uma declarada rebelião. Conhecendo-a, Canuto deu providência para que a rainha e os príncipes seus filhos passassem a Flandres, e ele tomou a determinação de passar de Fiônia à província de Selândia, onde principalmente consistiam as poucas forças que lhe haviam ficado; mas um de seus primeiros oficiais, chamado Blacon, dissuadiu-o artificiosamente desse intento. Mantinha este traidor inteligências secretas com os rebeldes e entretinha o santo rei com enganosas esperanças de reduzir os sediciosos a seu dever, quando Canuto, que então se achava na igreja assistindo ao santo sacrifício da missa, viu-se de repente cercado nela. Persuadiu-se desde logo de que não guardariam o respeito que deviam a seu rei os que o perdiam a seu Deus no próprio templo. Pôs-se de joelhos junto ao altar e, oferecendo-se ao Senhor como inocente vítima, disse-lhe: Eu vos ofereço, meu Deus, este pouco de vida que me resta. Morro, Senhor, para defender a causa de vossa Igreja; dignai-vos de receber com agrado meu pobre sacrifício e fazei que algum dia se arrependam meus povos de seu pecado, para que vós lho perdoeis, assim como eu lhes perdoo de todo o coração a morte que me vão dar. Dizendo essas últimas palavras, foi traspassado seu corpo com as flechas que lhe disparavam de todas as partes. Assim morreu São

Canuto no sábado, 7 de janeiro de 1087. Logo manifestou Deus a santidade e a glória de seu fiel servo com grande número de milagres. Naquele mesmo ano foi castigada toda a Dinamarca com uma fome espantosa e com uma enfermidade extraordinária, para a qual não se descobria outro remédio senão a invocação do santo rei. Finalmente, o papa Clemente X, movido dos muitos milagres que Deus operava cada dia por intercessão de seu servo São Canuto, ordenou que se celebrasse o ofício em honra deste santo mártir no dia 19 de janeiro em toda a Igreja universal.

Martirológio Romano

A festa de São Canuto, rei e mártir, que recebeu a coroa de glória no dia 7 deste mês.

Em Roma, sobre a via Cornélia, os santos mártires Maris, Marta, sua mulher, e seus filhos Audifax e Abacuc, nobres persas que, tendo vindo a esta cidade por devoção no tempo do imperador Cláudio, sofreram o tormento dos paus, do cavalete, do fogo, das unhas de ferro; por fim, tendo-lhes sido cortadas as mãos, cumpriram seu martírio; Marta foi afogada; os demais foram decapitados e seus corpos queimados.

Em Esmirna, São Germânico, martirizado durante a perseguição de Marco Antonino e Cômodo; era um jovem na flor da idade; tendo superado, com o auxílio da graça, o temor que lhe podia causar a debilidade da carne, atacou atrevidamente a fera que, segundo a sentença do juiz, devia devorá-lo: nessa luta recebeu tantas dentadas e mordeduras que mereceu ser incorporado ao verdadeiro pão, Jesus Cristo, por quem sofreu a morte.

Na África, os santos mártires Paulo, Gerôncio, Januário, Saturnino, Sucesso, Júlio, Cato, Pia e Germana.

Em Espoleto, São Ponciano, o qual foi cruelmente açoitado por ordem do juiz Fabiano, no tempo do imperador Antonino, e obrigado a marchar sobre carvões feitos brasas, o que fez sem sentir nenhum dano. Tendo sido atado ao cavalete com ganchos de ferro, foi neste estado lançado numa prisão, onde teve a ventura de ser fortalecido com visitas dos anjos; por fim, depois de ter sido exposto a uns leões furiosos e regado com chumbo derretido, finalmente o degolaram.

Em Lodi, São Basiano, bispo e confessor, que juntamente com Santo Ambrósio combateu valorosamente contra os hereges.

Em Worcester, na Inglaterra, São Wulstan, bispo e confessor, ilustre por suas virtudes e milagres e posto no número dos santos pelo papa Inocêncio III.

Missa (oração)

A oração da missa é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui ad illustrandam Ecclesiam tuam, beatum Canutum, Danorum regem, martyrii palma et gloriosis miraculis decorare dignatus es: concede propitius; ut sicut ipse Dominicæ passionis imitator fuit, ita nos per ejus vestigia gradientes, ad gaudia sempiterna pervenire mereamur. Per eumdem Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que, para ilustrar a vossa Igreja, vos dignastes honrar com a palma do martírio e com gloriosos milagres o bem-aventurado Canuto, rei da Dinamarca, concedei-nos, por vossa bondade, que, assim como ele foi imitador da paixão de Jesus Cristo, também nós, imitando o mesmo santo, mereçamos chegar à eterna felicidade de que ele goza. Pelo mesmo Senhor nosso Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 10 da Sabedoria.

Sabedoria 10,10-14

> **Latim:** 10 Hæc profugum iræ fratris justum deduxit per vias rectas, et ostendit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum ; honestavit illum in laboribus, et complevit labores illius. 11 In fraude circumvenientium illum affuit illi, et honestum fecit illum. 12 Custodivit illum ab inimicis, et a seductoribus tutavit illum : et certamen forte dedit illi ut vinceret, et sciret quoniam omnium potentior est sapientia. 13 Hæc venditum justum non dereliquit, sed a peccatoribus liberavit eum ; descenditque cum illo in foveam, 14 et in vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni, et potentiam adversus eos qui eum deprimebant : et mendaces ostendit qui maculaverunt illum, et dedit illi claritatem æternam.

Português: 10 Esta é a que guiou por caminhos direitos ao justo, quando fugia da ira de seu irmão e lhe mostrou o reino de Deus, e lhe deu a ciência dos Santos: A que o enriqueceu nos trabalhos, e recompensou as suas fadigas. 11 No dolo dos que o violentavam, lhe assistiu, e o fêz rico. 12 Guardou-o dos inimigos, e o assegurou dos enganadores, e o meteu num duro combate, para que vencesse, e soubesse que de tôdas as coisas a mais poderosa é a sabedoria. 13 Esta não desamparou ao justo vendido, mas sim o livrou dos pecadores: E desceu com êle ao fôsso, 14 e o não largou nas cadeias, até lhe depositar nas mãos o ceptro do reino, e o poder contra aquêles que o deprimiam: E convenceu de mentirosos aos que o deslustraram, e lhe deu uma nomeada eterna.

Nota

« Intitula-se livro da Sabedoria o livro de onde se tirou a epístola da missa de hoje. Compô-lo Salomão, e contém preceitos muito morais e máximas muito santas. Por isso o chama Santo Agostinho o livro da Sabedoria cristã. Desde o capítulo 10 até o fim mostra o autor o maravilhoso modo com que a divina Sabedoria conduziu os santos patriarcas desde Adão até Moisés. Tudo quanto nele se lê faz admirar a providência do Senhor. »

Reflexões

Caminha-se com segurança quando o Senhor é quem nos guia: de nós depende unicamente alcançar esse divino condutor. Seja puro o nosso coração, sejam retas as nossas intenções, e também o serão os nossos caminhos. Se não seguimos o Senhor e se somente nos buscamos a nós mesmos, que maravilha é que andemos desencaminhados?

A ciência dos santos é uma ciência prática. É preciso saber o que é preciso fazer; e é preciso fazer o que se sabe que é preciso. Saber a lei de Deus com uma ciência seca, estéril e puramente especulativa é sabê-la como a sabem os demônios, e esse gênero de ciência não é a ciência dos santos.

Os trabalhos que padecem as almas santas sempre as enchem de honra; e este não é o único fruto que tiram de seus trabalhos. Nenhum há que não renda cem por um; e tudo entra em proveito de quem padece por Deus. Não só premia tudo o que se faz por ele, mas tudo o que se deseja fazer. Admite o desejo como poderia o efeito. Oh, que bom dono temos em nosso amoroso Deus! Recompensa o que se quer fazer como se já estivesse feito. Só com desejar agradar-lhe, já se lhe agrada.

Zombe o mundano das almas justas, faça chacota de sua simplicidade, de sua retidão e de sua vida regrada; em vão se cansa, que a virtude sempre há de ser respeitável. Este é um reconhecimento que até os mais relaxados lhe hão de tributar.

Embora todo o universo conspire contra quem é verdadeiramente virtuoso, não lhe poderá fazer dano. Deus não gosta de servos covardes, porque estes pouco durarão em seu serviço; quer servos generosos e fiéis. Ele mesmo os empenha no combate; mas sempre para fazê-los conseguir mais gloriosa vitória. Nunca são vencidos senão os que não são fiéis. Oh, que belo espetáculo é o da inumerável multidão de tantos invictos mártires! Que pôde a malícia dos homens, que pôde todo o inferno junto armado contra os santos? Nos calabouços acharam a liberdade; sobre os cadafalsos encontraram as coroas; a morte lhes franqueou a vida e na ignomínia se acharam com glória eterna. Assim recompensa Deus os que o servem. Quando nos resolveremos nós a servi-lo?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus, o mesmo do dia 16.

Mateus 16,24-27

> **Latim:** 24 Tunc Jesus dixit discipulis suis : Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me. 25 Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam : qui autem perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. 26 Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur ? aut quam dabit homo commutationem pro anima sua ? 27 Filius enim hominis venturus est in gloria Patris sui cum angelis suis : et tunc reddet unicuique secundum opera ejus.

Português: 24 Então disse Jesus aos seus discípulos : Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. 25 Porque o que quizer salvar a sua alma, perdella-ha: e o que perder a sua alma por amor de mim, achalla-ha. 26 Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que comutação fará o homem para recobrar a sua alma? 27 Porque o Filho do homem ha de vir na gloria de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada hum a paga segundo as suas obras.

Meditação

Que o cristão deve viver uma vida mortificada

Primeiro ponto

Considera que não é possível ser perfeito cristão sem ser mortificado, sem renunciar a si mesmo; e não é possível salvar-se sem ser cristão. Uma vida delicada e regalada nunca foi vida cristã. A cruz, a mortificação e a penitência são os traços mais próprios, mais expressivos do retrato de um cristão.

Como é possível seguir Jesus Cristo sem levar sua cruz e sem levá-la todos os dias? Como é possível caminhar pelas pegadas que nos deixou estampadas sem renunciar a si mesmo? Como é possível ter parte em sua glória sem tê-la em sua paixão?

Viverá o mundo em suas alegrias e em seus prazeres; mas vós, diz o Salvador, deveis ignorar os prazeres e as alegrias do mundo. Com quem fala Jesus Cristo? Fala porventura com os mundanos,

com aqueles que se entregam à glutonaria e às diversões? Não se dirige a mim esse divino oráculo? Que autoridade superior derrogou essa lei? E se este preceito obriga indispensavelmente todos os cristãos; se esta lei subsiste em todo o seu vigor, que será daquelas pessoas tão imortificadas, tão inimigas da cruz, tão sensuais? Que será também de mim? Acaso tenho eu dois caminhos para ir ao céu? Acaso há dois evangelhos para mim? Nossos costumes são semelhantes aos costumes dos santos? E, em meio a uma diferença tão enorme, em meio a um descaminho tão visível, vive-se sem susto, diverte-se com prazer e está-se com tranquilidade!

Quando Jesus Cristo assegurou que quem não levava sua cruz, quem não se mortificava todos os dias não podia ser seu discípulo, já sabia muito bem que o tempo que precede a Quaresma é tempo de carnaval; isto é, um tempo de diversões, um tempo de dissolução, um tempo de desordem. Pois por que não se excetuou este tempo? Por que não se privilegiaram estes dias? Mas digamo-lo melhor: que impiedade, que espírito de irreligião introduziu dias de liberdade, dias de dissolução na vida do cristão?

Meu Deus, a quantos farão gemer algum dia estes mistérios de iniquidade, estes costumes escandalosos, estas relíquias que nos deixaram as máximas do paganismo! Pois vos dignastes descobrir-me sua enorme deformidade, fazei, Senhor, que as olhe com todo o horror que minha religião me inspira e não permitais que minha conduta desminta o que sinto e o que creio.

Segundo ponto

Considera se estas palavras de Jesus Cristo: Abraçar-se com a cruz, levá-la todos os dias, fazer-se violência, renunciar a si mesmo, passar toda a vida no pranto e na penitência, sob pena de não entrar jamais no céu, de não ser conhecido por seu discípulo; considera, digo, se tudo isso pode admitir alguma interpretação benigna; se pode autorizar a vida ociosa, delicada e sensual das gentes do mundo. Acaso não o disse bem claro Jesus Cristo? Pois que pensas tu? E que pensarás na hora da morte? Mas será então tempo de começar a descobrir e a penetrar o verdadeiro sentido desses divinos oráculos?

Compõe essas ideias de inocência, de modéstia, de perfeição cristã; compõe-nas com as alegrias do tempo de carnaval. Compõe essas máximas de Jesus Cristo com os jogos, com os bailes, com as comilanças, com as licenças profanas deste tempo.

Rei era São Canuto e não creu que por sê-lo estava dispensado das máximas de Jesus Cristo. Tão mortificada, tão penitente foi sua vida na elevação do trono como poderia ser a de um anacoreta na obscuridade do deserto. Os jejuns e a maceração do corpo só se acabaram quando se acabou a vida. Pensaria o santo que fazia demais no que fazia? E haverá alguém tão atrevido que o tenha por imprudente no que fez? Caminhou pelo caminho por onde foi Jesus Cristo. Porventura se descobriu a nós, os demais, outro sendeiro? Certamente não nos atreveremos a dizer que vamos por onde foram os santos. Pois que erro, que loucura é pensar chegar ao mesmo termo por caminhos tão opostos! Quando discorreremos em ponto de religião e no negócio de nossa salvação eterna como discorremos em todos os demais negócios?

Desde este instante, meu Deus, desde este instante, penetrado de tão terríveis verdades, sinto vivíssima dor de ter vivido desencaminhado por tanto tempo; sim, divino Salvador meu, sim, estou persuadido de que é preciso evitar essas festas mundanas, essas falsas alegrias. Convenho em que a vida do cristão deve ser uma vida de mortificação e de cruz. Bem sei que nem minhas ideias nem meus erros mudarão jamais este sistema. Nem eu quero seguir outro, confiado em vossa divina graça e esperando tudo de vossa infinita bondade.

Jaculatórias

> *Qui sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis, et concupiscentiis.* Gl 5.

Os que são de Jesus Cristo, como podem viver sem crucificar sua carne com todas as suas paixões e com todos os seus desordenados desejos?

> *Non sunt condignæ passiones hujus temporis ad futuram gloriam, quæ revelabitur in nobis.* Rm 8.

Não há proporção entre tudo o que podemos padecer por Jesus Cristo neste mundo e a glória que nos espera no outro.

Propósitos

1. Resolve-te a começar neste mesmo dia uma vida verdadeiramente cristã, isto é, mortificada, reputando a mortificação como virtude própria dos escolhidos de Deus e abraçando-a como virtude própria tua, de todos os dias e de toda a vida; mas não te contentes com uma ideia geral. Determina em espécie e em particular as coisas em que hás de mortificar-te e não saias da oração presente sem ter feito ao Senhor algum sacrifício, como o de não concorrer a tal conversação, de abster-te de tal e tal diversão, de não jogar até depois da Páscoa; e, enfim, de que não se te passe dia algum sem exercitar-te em alguns atos de mortificação. Sobretudo, hás de determinar-te a aproveitar daqui em diante todas aquelas mortificações involuntárias e não previstas com que o Senhor tem grande cuidado de salpicar todos os gostos desta vida; as quais sempre se devem aceitar com alegria e com reconhecimento, ou ao menos com uma perfeita resignação à sua divina vontade.

2. Há algumas mortificações que são de preceito, as quais consistem em privar-se de tudo o que é pecado ou pode ser ocasião de pecar, por mais gosto e complacência que se tenha nisso: espetáculos profanos, objetos provocativos, lugares suspeitos, leitura de livros envenenados etc.

Há outras mortificações que são de conselho, mas sem as quais não se podem guardar as de preceito. Estas são indispensáveis, aquelas são necessárias. Poucos há que não se condenem por falta de mortificação. Outras mortificações há, desconhecidas, na verdade, das almas imperfeitas e tíbias, mas das quais fazem grande caso as que são verdadeiramente espirituais. Um dito agudo que vem a propósito e se cala; um gosto ligeiro de que alguém se priva; uma vontade de olhar que se mortifica; uma curiosidade que se vence; uma postura incômoda que se mantém: tudo isto oferece mil ocasiões de mortificar-nos e pode servir de matéria a inumeráveis sacrifícios, pequenos ao parecer, mas de grande mérito na realidade. Quem ama a Deus em todo tempo e em todo lugar encontra cem ocasiões de dar-lhe provas de seu amor. As mortificações pequenas nem sempre são as menos meritórias; e, em certa maneira, pode-se dizer que se encerra nelas a arte de fazer-se santo.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:58 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:58 by Admin